

**SOBRE O DAR-RECEBER E RETRIBUIR:
MARCEL MAUSS, DÁDIVA E DIMENSÕES DA HOSPITALIDADE**

**Give-Receive and Give Back:
Marcel Mauss, Gift and Hospitality Dimensions**

AIRTON JOSÉ CAVENAGHI¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v14i2p411>

RESUMOⁱ

Neste artigo pretende-se apresentar uma nova leitura para o trabalho de Marcel Mauss, 'Ensaio sobre a Dádiva'. Nesta análise procura-se demonstrar o funcionamento do ciclo da Dádiva e a sua associação com as chamadas 'dimensões' da Hospitalidade. Mostra-se que a busca pelo equilíbrio da sociedade, passa pela constante reformulação do ciclo da Dádiva e da presença da Hospitalidade em suas múltiplas dimensões, como baliza de reordenação dos sentidos coletivos. Argumenta-se que a Modernidade propôs uma artificialidade na absorção do ciclo original da Dádiva, criando mecanismos que produzem frustrantes sensações de estabilidade, imperceptíveis pela lógica da vivência coletiva na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE

Hospitalidade; Dimensões da Hospitalidade; Ciclo da Dádiva; Marcel Mauss.

ABSTRACT

This article intends to present a new reading for the Marcel Mauss text 'Essay on the Gift'. This analysis seeks to demonstrate the Gift cycle functioning and its association with the so-called Hospitality 'dimensions'. It's shown that the search for balance in society involves constant reformulation of the Gift cycle and the presence of Hospitality in its multiple dimensions, as a form of reordering the collective senses. It's defended that Modernity has proposed an artificiality in the absorption of the original Gift cycle, creating mechanisms that produce frustrating sensations of stability, imperceptible by the logic of collective living in contemporary times.

KEYWORDS

Hospitality; Dimensions of Hospitality; Gift Cycle; Marcel Mauss.

¹ **Airton José Cavenaghi** – Doutor. Professor e pesquisador no Departamento de História, Universidade Federal do Acre e no Programa de Pós-Graduação em Hospitalidade, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP, Brasil. Currículo: <https://orcid.org/0000-0002-1084-8158>. E-mail: acavenaghi@gmail.com

INTRODUÇÃO

Ao escrever sobre o ciclo da Dádiva, proposto por Marcel Mauss em seu trabalho seminal *‘Essai sur le don’*, traduzido no Brasil como *‘O ensaio sobre a Dádiva’* (1924-1925), é necessário lembrar que um amplo debate sobre suas ideias só se tornou oportuno e fluído a partir de Lévi-Strauss, que o consagrou em 1950, no ano da morte de Mauss. Lévi-Strauss e seu texto, conhecido como *‘Introdução a obra de Marcel Mauss’*, trouxeram à superfície conjecturas que estiveram esquecidas desde a primeira publicação do ensaio, entre os anos de 1924-1925. Entre essas conjecturas, estava o falso encaminhamento que atribuía a Mauss a discussão, um erro na exposição das suas ideias originais.

Em um momento argumentou-se que Mauss expos para o olhar do ocidente, práticas orientais esquecidas, além da argumentação da não universalização de culturas diferenciadas. Outra questão discutida, foi a da paixão enorme de Mauss pelo *‘hau’*, fazendo-o ver, apenas, o olhar do nativo e esquecendo de perceber a cientificidade necessária para a criação da observação etnográfica. Argumentou-se ainda, que Mauss fazia uma *‘etnografia de gabinete’*, em uma época de intensas viagens de análises e pesquisas, principalmente em territórios sobre a tutela colonizadora e imperialista da Europa, em especial da França e da Inglaterra. Em complemento, dizia-se que Mauss e as ideias de seu *‘Ensaio’* não mais respondiam aos anseios analíticos da sociedade pós Primeira Grande Guerra pois, afinal, estaria incompleto e que seria apenas o que seu título registrava: um *‘ensaio’*.ⁱⁱ

Quando Lévi-Strauss ressuscita o texto na *‘Introdução’* da obra que organizaria os ensaios dispersos de Mauss, foi como se a maldição da etnografia voltasse dos mortos e passasse a perseguir quem dela fez chacota. Mauss lutou bastante contra essas críticas e escutou-as calado. Talvez não tenha ampliado suas discussões, pois previa que seu texto liberaria uma imensa discussão que se arrastaria até os tempos contemporâneos, provocando um intenso contágio de ideias.ⁱⁱⁱ Tal discussão sempre foi centrada na afirmação de que haveria, entre os indivíduos, uma pressão a obrigar a devolução daquilo que fosse recebido – o bem, o presente; o dom para os franceses e o *gift* para os ingleses – expressa na questão central de seu Ensaio: “Que força existe na coisa dada que faz que o donatário a retribua?” (Mauss, 2003, p. 188). Uma força misteriosa que criaria vínculos cuja ruptura, na pior das respostas, geraria um conflito entre pessoas, podendo chegar à guerra entre nações. Um dos quatro cavaleiros do Apocalipse encontrava sua morada ali, no contato interpessoal, fluindo lentamente e esperando o

momento de aparecer e mostrar-se com sua força avassaladora, destruindo esperanças e utopias futuristas de um mundo mais justo e equilibrado.

Quando Mauss escreve seu ensaio, as ciências humanas começavam a refletir novas realidades interpretativas. Havia uma procura por análises que privilegiassem o social. Até aqueles momentos, análises políticas e econômicas prevaleciam. Não havia, por exemplo, uma história para o sujeito comum; embora as ideias de Marx passassem a ser mais referenciadas, não conseguiam trazer à tona o cotidiano comum no qual as ideias do micro fossem mais expostas do que as do macro. Esse materialismo histórico, essa luta de classes associada aos objetos, eram reais e significativos, uteis, permanentes e refletiam anseios do consumo. Marx estava certo, como ainda o está: o ‘fetiche’ pelo objeto é real, mas seria o único significado a ser dado a ele?^{iv}

Entre outros elementos, esse artigo se propõe a mostrar que aquilo que se adotou como o ‘fetiche da mercadoria’, para Mauss transmutou-se como a ‘alma do possuidor’ ou o ‘hau’ e a sua necessária obrigação de devolução. Por que escrever e analisar essa situação? Qual o sentido do objeto na constituição do círculo da Dádiva? Como as relações humanas se estruturam e formulam laços de continuidade e como essa sociedade, com esses laços, estabelece mecanismos que articulam situações de equilíbrio e segurança?^v

ESTABELECENDO VÍNCULOS

Appadurai (2008), ao recordar o ‘Ensaio’ de Mauss (2003), argumenta que o mundo ocidental, influenciado pela perspectiva materialista, seria “o mundo das coisas inerte e mudo” (p. 17). Atribui-se aos objetos a ideia de valor tangível e apartado de um ciclo de significados que, em tempos remotos e já perdidos na memória, formavam o nascedouro das ideias incorporadas por eles. Nesta forma há um ciclo de vitalidade do ‘sentido das coisas’, que passa de pessoas a pessoas, independentemente de as mesmas o quererem ou não. Mauss (2003) identifica esse ciclo em parte de seus célebres questionamentos existentes em seu ‘Ensaio’: “Que força existe, na coisa dada que faz que o donatário a retribua?” (p. 188). Sim, “que força?” Talvez aquela que sugira certa ‘paz’ entre os indivíduos que trocam, algo ‘arcaico’, perdido no tempo humano. Iniciado, quem sabe, em uma oferta de alimento, ou mesmo, em um afagar de proteção materna, ainda nas planícies africanas, no berço dessa nossa humanidade.

Trata-se de um valor de difícil localização, mensuração e historicidade. Só percebemos sua presença nessas heranças significativas da mente humana, aquilo que Malinowski (1975) chamou de “fosseis culturais” (p. 35). Sim, “fósseis”, pois sabemos que existiram; há vestígios materiais; mas não sabemos o que significavam ou mesmo para o que ou como eram utilizados. Nas relações humanas o que se percebe é a necessária continuidade do convívio. A busca incessante da identificação do ‘Eu’ no ‘outro’. Um princípio de dualidade, uma relação claro e escuro, bem e mal, hospitalidade e inospitalidade.

Nesta busca de significados, rompe-se um frágil equilíbrio. Falo em ‘equilíbrio’, pois, desde que o ser humano se ‘afastou’ do caos da Natureza - Natureza em maiúscula, que significa situação de mundo - teve que criar mecanismos que buscassem restaurar os princípios de surgimento de sua consciência. Na criação dessa noção de consciência há uma perda significativa de alguns princípios norteadores, ou seja, aquilo que identificamos vulgarmente ao trata-lo como ‘instinto animal’. Poderíamos chama-lo como ‘raciocínio lógico se sobrevivência’, mas o ‘estar vivo’ é uma noção consciente nesse sujeito contemporâneo, raciocínio que sempre é acompanhado pela pergunta: estar vivo para que? Mas, por outro lado, se temos essa pergunta, temos a confirmação de nossa separação da Natureza.

Confirmada nossa ‘separação’, precisamos reencontrar aquela noção primitiva de equilíbrio e é esse suposto reencontro que o ‘Ensaio sobre a Dádiva’, de Mauss, se propõe demonstrar. Mauss busca mostrar que é possível compreender as funções desse ‘fóssil cultural’, na expressão cunhada por Malinowski (1975), e de como ele fundamentou a noção de humanidade. De maneira diferente dos críticos de Mauss, que o acusaram de buscar elementos universalizantes nas diferentes culturas humanas, a proposta do ‘Ensaio’ é de mostrar diferentes forma de buscar esse suposto equilíbrio e, em função disso, Mauss constrói seu trabalho analisando culturas distintas, aquilo que ele classificou como “método de comparação preciso” (p. 189), como identificado nos antigos Polinésios ou mesmo nos hindus e seus documentos jurídicos. Tal ‘equilíbrio’, que neste texto chamo de proposta de análise, não é citado por Mauss. Trata-se de interpretação minha como forma para compreender as diretrizes analíticas do que se observa no textual do ‘Ensaio’.

Devemos olhar Mauss como um sujeito pertencente ao seu tempo histórico (Cavenaghi, 2016). Esse seu tempo é um momento de rupturas. É um momento incomum da história humana. É o intervalo entre duas guerras mundiais, momento de afirmações políticas totalitárias, nas quais

as realizações tecnológicas representavam superioridades, facilmente identificadas com a ideia de cultura. Possuir 'cultura' passou a ser sinônimo de possuir técnica. Por alusão, o objeto tecnológico ganhou um status divino, superando anteriores crenças mágicas e religiosas. Nota-se que não podemos afirmar ser só nesse momento que o objeto é visto como 'divino' e é o 'Ensaio' de Mauss que nos mostra que o esse mesmo objeto é que foi responsável por criar a coletividade desse sujeito, pois foi por meio dele que esse homem se tornou consciente.^{vi}

Neste sentido, o questionamento central de Mauss (2003) ganha significado novamente: "Que força existe, na coisa dada que faz que o donatário a retribua?" (p. 188). Podemos, por alusão, pensar que os humanos atribuíram aos objetos o sentido de sua humanização e coletividade. Criaram mecanismos interpretativos próprios a cada cultura, para materializar expressões de proximidade, acolhimento, necessidades, enfim, uma gama de valores associativos imensuráveis e de difícil localização temporal. A necessária busca humana da historicidade de uso de determinados artefatos é sempre ineficaz e infrutífera, pois os usos desses objetos transmudam-se constantemente. Buscar e datar funções de um objeto é um mecanismo de criação de artificialidade de controle do que ocorre a nossa volta.^{vii}

O que de fato ocorre e permanece é a circularidade de uma 'Dádiva', entendendo-a aqui como aquilo que é doado ao seu próximo ou, como nos lembra Mauss: da força obrigatória de sua retribuição.^{viii} Nesse sentido tem-se um choque civilizatório ou uma loucura coletiva, sobre a qual o sujeito contemporâneo percebe não possuir controle. Enquanto mensura, atribui valor, comercializa, cria parâmetros acumulativos sobre o artefato com os quais esse mesmo sujeito se vê protegido e legitimado, mas, por outro lado, a circularidade espontânea da Dádiva é rompida, gerando um desequilíbrio. Desequilíbrio é conflito e perda de coletividade, além de outras tantas dimensões interpretativas possíveis para a Dádiva.

Sobre 'dimensões', neste caso associadas a Hospitalidade, a análise mais interessante é realizada por Brotherton (2017), que argumenta que qualquer interpretação estrutural para a mesma incorpora cinco dimensões primárias: a dimensão espacial; a dimensão temporal; a dimensão física; a dimensão comportamental e a dimensão transacional. A análise de Brotherton é uma tentativa de legitimar estudos, estabelecendo propostas de modelos analíticos fechados. Mesmo em sua separação didática explicativa, o autor argumenta que a dimensão transacional é uma espécie de fusão entre a dimensão espacial e a dimensão temporal. Visto desta forma, nota-se que esse modelo de separação analítica, apesar de didático, não consegue separar

relações e isso pode ser percebido de imediato, quando Brotherton, ao propor o item dimensão transacional, mostra que ela seria a fusão dos dois anteriores. Por que, então, isso é proposto? Pode a dimensão comportamental, por exemplo, ser separada da espacial ou do temporal? São questões que ficam em aberto, embora como afirmado, a possibilidade de separação analítica pode representar um aspecto didático que possibilite sua interpretação e estudo.^{ix}

UMA PROPOSTA INTERATIVA

Como ver o ciclo da Dádiva e a atualidade das ideias de Mauss para seu 'Ensaio'? Como verificar sua aplicabilidade em nossa sociedade ocidental? A dimensão de acolhimento, pensada como uma certa forma de 'doação'^x é um modelo passível de compreensão dessa circularidade da Dádiva. Além disso, se o acolhimento pode ser visto como uma dimensão da Hospitalidade e suas diferentes formas de praticá-la, subentende-se essa última como uma maneira de perceber a Dádiva e sua circularidade. Assim, Dádiva e Hospitalidade estão próximas e extremamente conectadas, embora em termos hierárquicos, Dádiva, lendo-a novamente como aquilo que é doado, sobressaia-se, sendo o acolhimento, entre tantos outros termos, associados como dimensões de hospitalidade. Neste aspecto a proposta classificatória de Bastos e Rejowisk (2015) também se mostra bastante oportuna ao propor:

[...] nove dimensões de hospitalidade e suas respectivas variáveis: a) ambiental: meio ambiente; b) cultural: patrimônio cultural, festa, tradição, ritual, e mito; c) econômica: trabalho, gestão, marketing, perfil profissional e serviço; d) educacional: ensino, treinamento e qualificação profissional; e) material: espaços, equipamentos e arquitetura; f) política: poder e política pública; g) religiosa: religiosidade; h) simbólica: estilo, imaginário; i) social: acolhimento, comensalidade, comunicação, dádiva, etiqueta, sociabilidade e urbanidade (p. 143),

Hospitalidade é uma noção de percepções de situações coletivas e talvez venha dessas ações a errônea maneira de tentar adjetivá-la, ou seja, dar-lhe sentido a partir das situações nas quais ela ocorra, como exemplo, em atividade comerciais, hospitalidade comercial; em situações de urbanidade, hospitalidade urbana; ou mesmo em momentos de comensalidade, hospitalidade gastronômica. O ciclo da Dádiva se apresenta nas trocas inerentes 'as coisas', nessas situações específicas de Hospitalidade. Para perceber se há hospitalidade ou inospitalidade é necessário, em um primeiro momento, que se perceba se há um ciclo de trocas, existindo ou não. Quando o ciclo de trocas se realiza, uma ação é materializada e, assim, o processo de Hospitalidade acontece. Nota-se que o ciclo da Dádiva não se estingue, ou contrário, segue transmutando-se

em outras relações, inserindo-se em outros ciclos e transmutando-se novamente a ponto de ser impossível de se ver seu final.

Além disso: será que esse final existe?

Na ação de Hospitalidade há uma extinção ao final do gesto e sua continuidade só é possível se estiver amparada por outro ciclo de 'doação', ou seja, veja-se aqui a Dádiva como um trem em movimento e as ações de Hospitalidade, os seus passageiros. A cada estação alguns desses passageiros desembarcam e geram instabilidade, e outros embarcam e geram estabilidade. Ciclos infinitos, que buscam um equilíbrio nos encontros e desencontros que se realizam. Marie-Claire Grassi (2011), a classificou como "uma ponte frágil e perigosa estabelecida entre dois mundos: o exterior e o interior, o fora e o dentro. Tentativa de igualização, de nivelamento" (p.45), ou, como sustentamos, de equilíbrio. Luiz Octavio de Lima Camargo (2011) a classificou "como virtude", possibilidade "intrínseca de quem acolhe" (p.15).

Acolher é uma dimensão da Hospitalidade, sendo processada em um ciclo de Dádiva que, como reciprocidade, poderá sugerir o 'pertencimento' como atitude daquele que é acolhido. Nesse processo há certa confusão de significados interpretativos, em que Hospitalidade e Dádiva possuem quase o mesmo sentido. É lógico que essa interpretação não é algo maquiavélico e sim repleta de sutilezas que, em certos momentos, torna impossível separá-las para analisá-las de forma cartesiana como a 'entidade' como o mercado o quer. Em função disso, as inúmeras tentativas de se mensurar Hospitalidade acabaram por transformá-la, por exemplo, em sinônimo de hotelaria, setor de serviços que se prima pela venda do acolhimento o que, conforme já argumentado, é uma das dimensões interpretativas dessa Hospitalidade.^{xi} A Dádiva em si é o circuito no qual as diversas ações de hospitalidade ocorrem e é sobre o ciclo e seu equilíbrio que o "Ensaio" de Mauss se debruça.

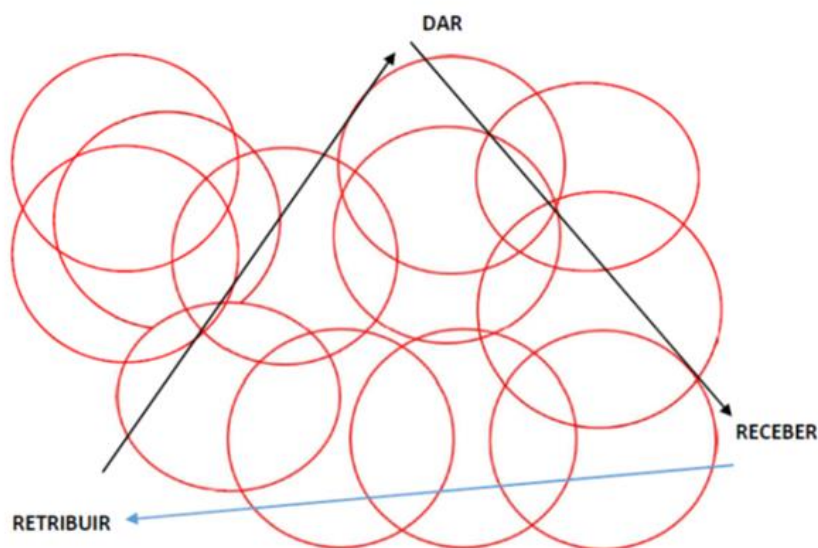
DAR, RECEBER e RETRIBUIR, OU RESTITUIR? ^{xii}

Até este momento, argumentei sobre o ciclo da Dádiva pensando-o como instrumento de construção e estruturação da sociedade da qual fazemos parte. Estamos envolvidos nesse contexto e, assim, indissociáveis dele. Não o percebemos, mas ele passa por nós a todo momento, intercalando momentos de equilíbrio (hospitalidade) e de desequilíbrio (inospitalidade)^{xiii}. Independente do momento ser bom ou ruim, carrega uma 'dádiva' que será

em algum lugar no tempo e espaço, restituída e condicionada a lançar um outro ciclo em um tempo e dimensão diferentes do nosso.

Tim Jenkins (1998), ao analisar as 'Leituras de Derrida sobre Mauss', fala que a Dádiva não é perceptível no tempo presente, que ela é atemporal e, por ser desta maneira, subverte a noção de 'ordem' do mercado. Aqui, Derrida mostra como o fluxo lógico do tempo é corrompido em sua função fragmentária de ordenamento e controle. A perspectiva da Dádiva é uma situação abrangente que sustenta as relações entre os seres humanos. Nessa perspectiva interpretativa, proponho os modelos apresentados a seguir:

Figura 1. O Mundo Imaginado e seus múltiplos ciclos da Dádiva. Situações perfeitas de equilíbrio.

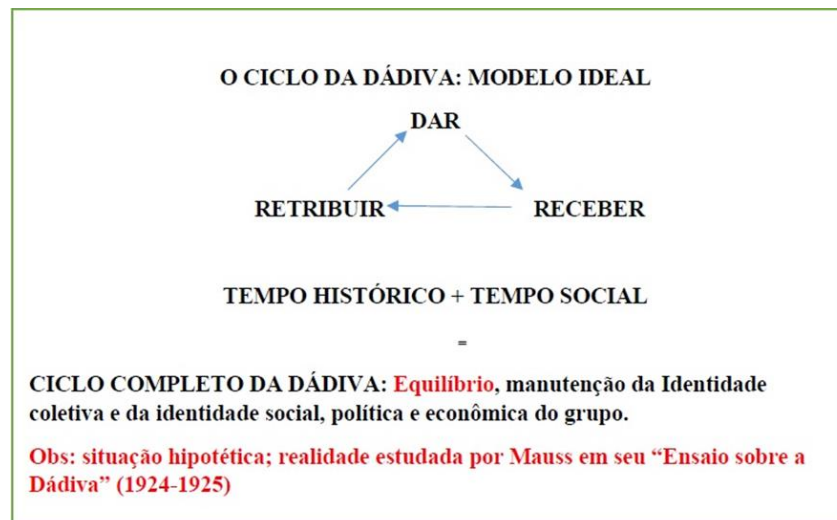


Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Na Figura 1, tem-se a alusão de situações perfeitas de equilíbrio ocasionadas pelos múltiplos ciclos da Dádiva. Não há necessariamente proximidade temática entre eles e situações dispares acomodam-se em mutualidade. Objetos de formatos diferenciados entrelaçam-se, propondo harmonia dos ciclos. Poderia sugerir a presença de dimensões distintas de Hospitalidade, entrecruzando-se e ajudando a sustentar ciclos diversos. Cada ciclo não é independente e sua análise, em separado, requer uma espécie de uma observação cautelosa dos seus elementos constitutivos. Os estudos de hospitalidade acabam por privilegiar essa separação, para assim, de maneira didática, buscar a efetiva interpretação dos elementos envolvidos e das relações de

trocas que ocorrem nesse ciclo específico da Dádiva.^{xiv} Desta forma, o que se observa também na Figura 1, é o que Mauss descreve como modelo ideal, que apresento em detalhe na Figura 2.

Figura 2. Ciclo da Dádiva: modelo ideal



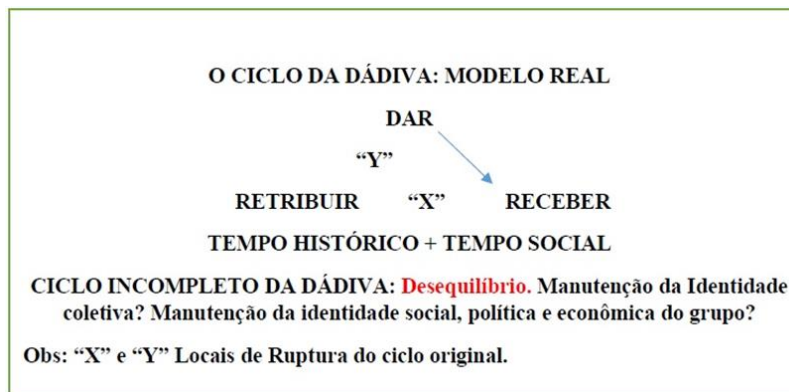
Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Na Figura 2, uma representação de apenas um dos ciclos presentes na Figura 1, observa-se, com detalhes, a ideia de Mauss em seu 'Ensaio'. Nota-se que nesse exemplo selecionado para análise, há um suposto equilíbrio. O trinômio da Dádiva está em harmonia, pois não sofre interferências de mecanismos externos. Trata-se de uma situação utópica, não passível de observação em tempo contemporâneo. Os objetos em circulação ou os elementos simbólicos associados a eles, é reconhecida por todos aos atores envolvidos, é o maior valor em negociação e que não, necessariamente, possam ter o mesmo sentido de interpretação em outro ciclo. Cada ciclo é único, mas interfere naturalmente em outros e assim sucessivamente. Por exemplo, alguém em um dia de inverno emprestou um casaco a seu amigo para que esse pudesse ir ao trabalho. Aqui um ciclo da Dádiva se processa e se não fosse intercambiável, seu fim estaria na volta do amigo do trabalho e a devolução do casaco.

Foi um gesto de Hospitalidade e, após a devolução do casaco, a amizade permaneceu, e por essa amizade existir, supõe-se a possibilidade de a Dádiva ser retribuída. Acontece que no caminho ao trabalho, o usuário do casaco emprestado realizou uma série de ações impossíveis de serem descritas. Talvez, em um texto literário seja possível encontrar esses acontecimentos descritos; e essas ações resultarem no disparar de outros ciclos, com a inserção de nosso personagem em

outros cenários, que já estivessem ocorrendo. Esse é um exemplo de uma situação hipotética, pensada por Mauss no cotidiano de sociedades ‘arcaicas’, na qual o equilíbrio social natural era estabelecido desta forma. Na Figura 03, apresentada a seguir, vê-se o exemplo de rompimento do ciclo ideal:

Figura 3. Ciclo da Dádiva: modelo real



Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Acontece que a população mundial cresceu de forma exponencial e muitos dos ciclos da Dádiva abertos passaram a não se concretizarem, gerando infindáveis desequilíbrios que podem ser observados na criação de situações de conflito ou de inospitalidade. Uma alternativa ao suposto caos criado, leia-se desigualdades econômicas, sociais e políticas, foi a transmutação do ciclo com a incorporação dos elementos de competitividade entre as pessoas. A maneira como o capital e sua acumulação moldou o mundo, em especial nos últimos três séculos - leia-se, etapas da Revolução Industrial e Tecnológica - inseriu elementos substitutos que se tornaram consagrados pela coletividade, no caso aqueles aceitos pelo mercado de consumo, inaugurado pela oferta em larga escala de serviços e produtos desse período.

O que se percebe-se é que na clássica questão central do Ensaio de Mauss - “Que força existe na coisa dada que faz que o donatário a retribua?” (p. 188) -, é previsto o ‘retribuir’ estabilizante. O mercado como entidade reguladora e fornecedora de bens e de serviços, assume em certos aspectos a dívida estabilizadora e assim cria uma outra situação interpretativa para o ciclo da Dádiva, ou seja, aquela que ‘compra’ a ‘força que existe na coisa dada’, associando a esses novos ciclos da Dádiva possibilidades ‘artificiais’ de controle. É essa afirmação, também hipotética, que a Figura 3 apresentada se propõem a mostrar, na qual os termos ‘x’ e ‘y’ representam supostos locais de ruptura do ciclo original da Dádiva.

Desta forma, em função do exposto formulam-se duas proposições iniciais sendo: **Proposição A** - Se a manutenção do ciclo é a estabilidade, seu rompimento total não é possível pois à instabilidade significa o fim do coletivo; **Proposição B** - O rompimento total do modelo original é possível se os espaços de interligação do ciclo [entre o Receber e Retribuir, por exemplo] sejam preenchidos por novos elementos estabilizadores e é essa a proposta a ser visualizada na Figura 3. Considerando-se a proposição “B” e que os novos elementos estabilizadores devam preencher os requisitos básicos da proposição “A”, ou seja, gerar a estabilidade, na manutenção de uma memória coletiva já consagrada, questiona-se de maneira adicional:

1 - A memória coletiva consagrada pode sofrer interferências externas ao ciclo original?

Proposição 1A: Sim, pois a modificação sugere um aceite coletivo que acontece ao mesmo tempo do retorno do ciclo à estabilidade. Esse aceite coletivo é a própria existência de um mercado de consumo; Proposição 1B: Não, pois o ciclo original é imutável e gera o possível retorno para além dos personagens originais da relação inicial entre os pares.

2 - Os elementos estabilizadores originais podem ser substituídos e assim manter a estabilidade total do ciclo? Proposição 2A: Sim, desde que esses elementos sejam reconhecidos plenamente pelo grupo; Proposição 2B: Não, a substituição geraria outra situação e conseqüente outro ciclo.

3 - Caso seja possível à substituição, quais elementos gerariam a estabilidade original do ciclo? Proposição 3A: Elementos já consagrados pela coletividade, independentemente de barreiras linguísticas e, elementos tangíveis e intangíveis, podem gerar a estabilidade, como exemplo: o mercado; Proposição 3B: Não é possível pois a substituição não existe.

O que se perceber em todas as proposições [1A, 2A e 3ª] é que o gerador da estabilidade do ciclo da Dádiva na contemporaneidade é o personagem central das relações humanas, ou seja, o mercado como entidade a regular os aspectos sociais, políticos e econômicos da atualidade. O aspecto primal do ciclo da Dádiva, identificado por Mauss nas chamadas populações arcaicas, encontra-se modificado e assim, nota-se um choque interpretativo, necessário a compreender, nesse momento, quais são os elementos ‘de negócio’ que podem suprir as rupturas ocorridas em diferentes momentos do ciclo.

Pensando a Hospitalidade como um fator gerador de equilíbrio, conforme discutido anteriormente, ‘comercializá-la’ pode sugerir a sua reparação e assim estabelecer situações

confortáveis para alguns membros do grupo em questão. Tal fato, o suposto ‘comércio da hospitalidade’, já discutido por Gotman (2009), contribuiria para a estabilidade do grupo e a manutenção de sua coletividade. Essa prática é a mais perceptível no mundo contemporâneo e encontra-se associada, por exemplo, a gestão dos negócios de lazer e turismo. Importante lembrar que aquilo que era comum e cotidiano, em tempos não industriais e não urbanos, ou seja, um tempo de ócio natural, é transformado em algo comercializável e utilizado como suposto fator de restauração de equilíbrio das relações contemporâneas.

O ato de viajar na modernidade é, em certos aspectos, a gestão da volta ao lugar de origem. Não se viaja para não se voltar. E ir e voltar, é uma situação que propõe um equilíbrio de indivíduos, em situações de uma ‘coletividade artificial’, ideia que passo a defender.

URBANIDADE E COLETIVIDADE ARTIFICIAL

A ideia de ‘coletividade artificial’ é um artifício oportuno de manutenção de uma ordem sistêmica, na ambientação da vida cotidiana não natural das cidades contemporâneas. Apesar do indivíduo, como persona que abandona a Natureza, ter a necessidade de viver em aglomerados que hoje chamamos de cidades. Para a existência prevista desta maneira torna-se necessário a criação daquilo que chamarei de ‘coletividade artificial’. Essa expressão encontra seu sentido original, naquilo que Simmel (1979), em seu seminal texto de 1950, ‘A Metrópole e vida mental’ [The Metropolis and mental live”], chamou de “calendário estável e impessoal” (p.15), para o qual não há a possibilidade da individualidade ou do isolamento. A vida urbana é interligada em múltiplos ciclos incomensuráveis, sejam eles imateriais ou materiais, e a simbologia associada a ambos. Chamarei a esse uso dado aos objetos, neste caso específico, de ‘simbolismo de exibição’, pois essa materialidade aqui representada por eles, serve ao papel de legitimador hierárquico perante a coletividade, ou seja, algo visível e palpável.

Sobre este aspecto, convém lembrar as indagações de Leroi-Gourhan (1983): “As cadeias operatórias maquinais correspondem à memória familiar comum, relacionam-se com todos os episódios materiais e morais da vida cotidiana ...” (p. 59). Os ‘episódios materiais’ representam as funções com as quais como esses objetos se articulam para materializar um entendimento coletivo, necessário a criação de uma estabilidade do grupo. A necessidade das trocas operadas pelos ciclos das Dádivas, gera a situação estabilizadora. Sua quebra propõe o conflito e assim operar essa estabilidade de maneira satisfatório é o objetivo dos indivíduos. O que proponho

demonstrar representa a percepção do ser humano em sociedade e em urbanidade, no mundo contemporâneo. A existência da urbanidade subentende a procura de mecanismos de equilíbrio para a conviver em espaços cada vez mais reduzidos e disputados, situações de coletividade intensa e artificialmente construídas, ausência de identidade com os locais de vivência e constantes fluxos migratórios para reformular e reacomodar imensas populações.

É oportuno pensar que os ciclos de Dádivas estabelecidos nessa Modernidade, quase não mais reconhecem modelos arcaicos de formulação do coletivo, conforme argumentado anteriormente. Aquilo que no período arcaico analisado - apropriado aqui da expressão 'arcaico' conforme citada por Mauss - criava identificações profundas em populações, como por exemplo a paisagem natural, que hoje é um ciclo contínuo de substituições e ausências. Ecléia Bosi (2003) discute sobre isso em 'Tempos vivos, tempos mortos', para os quais 'a lembrança de lugares' passa a ser sustentáculos de sobrevivência dos mais velhos, em época de mudanças cotidianas velozes e desproporcionais. Não há mais a que se apegar ou mesmo herança a se deixar. A utilidade da vivência humana é proporcional a sua capacidade individual de gerar capitais, leia-se objetos de intensa circulação e aceite coletivo. Objetos que substituem a 'obrigação da devolução' do ciclo original da Dádiva, provocando sua estabilidade, mesmo como uma artificialmente legitimada pelo grupo.

A SENSÇÃO DA ETERNA DÍVIDA: UMA CONCLUSÃO PRÉVIA

Conclui-se que a superação da ausência de elementos estabilizadores no ciclo de mutualidade da Dádiva no mundo contemporâneo torna-se o elemento comum, dado a profunda perda de elementos da memória humana inicial. A substituição desses elementos perdidos, que poderia chamar de 'cordões umbilicais com a Natureza', acontece por ser necessário estabelecer uma sequência de continuidade da vida humana coletiva. A urbanidade existente na atualidade é o cenário no qual essas substituições se materializam. Observa-se que a percepção do ciclo da Dádiva torna-se muito difícil, mas as ações de equilíbrio advindas pela compreensão das dimensões de Hospitalidade, traduzem-se valores e demonstram possibilidades de continuidade.

Percebe-se aqui que, ao se adjetivar expressões de Hospitalidade, busca-se sua maior compreensão, em um cenário cada vez mais fragmentado e modelado para ser controlado e organizador em setores estratégicos. Esses setores, identificados com as forças de gestão,

Cavenaghi, A. J. (2022). Sobre o dar-receber e retribuir: Marcel Mauss, dádiva e dimensões da Hospitalidade. *Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade*, 14(2), 395-411.
<http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v14i2p411>

procuram funcionar como mecanismos individuais, ou células, tal qual a ambientação proposta pelo setor produtivo, no qual o errático funcionamento de uma célula pode ser identificado em tempo hábil, inviabilizando uma suposta contaminação total do sistema. Neste aspecto ocorre o erro interpretativo, pois o ciclo da Dádiva é um *continuum*, e sua tentativa de fragmentação provoca o desequilíbrio, que de forma frustrante, tenta ser compensado pelas inserções artificiais propostas em suas células organizacionais. Essas ações de gestão de crise demonstram resultados efêmeros, condicionando a sociedade com princípios de desigualdade e ausência.

Assim, identifica-se uma eterna busca do 'sentido de existência', inserindo valores de consumo imediato ou em longínquos pensamentos de liberdade. Não há, nestes casos, uma base de sustentação concreta, uma memória coletiva cultivada e aceita, há a sensação de eterna dívida, não mais na forma da restituição proposta pela Dádiva, identificável e coletivamente reconhecida, mas aquela que frustra por não ter rosto, por ser artificialmente criada e vendida como tábua de salvação universalizante.

REFERÊNCIAS

- Appadurai, A. (2008). *A vida social das coisas: As mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Rio de Janeiro: EdUFF.
- Bastos, S., & Rejowski, M. (2015). Pesquisa científica em hospitalidade: desafios em busca de uma configuração teórica. *Revista Hospitalidade*, 12(n. especial), 132-159. [Link](#)
- Brotherton, B. (2017). Hospitality: a synthetic approach. In: C. Lasley. (Ed.), *The Routledge Handbook of Hospitality Studies*. Londres: Routledge.
- Camargo, L. O. de L. (2011). Apresentação. In: A. Montandon. (dir.), *O livro da Hospitalidade*. São Paulo: Senac.
- Cavenaghi, A. J. (2016). Marcel Mauss e a historiografia cultural: um resgate contemporâneo. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 10(3), 459-474. [Link](#)
- Dresch, P. (1998). Mutual deception: totality, exchange, and Islam in the Middle East. In: W. James, & N. J. Allen. (Ed.), *Marcel Mauss: a centenary tribute*. Oxford, New York: Berghahn Books.
- Dosse, F. (2018). *História do estruturalismo*. São Paulo: Unesp.
- Grassi, M.-C. (2011). Transpor a soleira. In: A. Montandon. (dir.), *O livro da Hospitalidade*. São Paulo: Senac.

Cavenaghi, A. J. (2022). Sobre o dar-receber e retribuir: Marcel Mauss, dádiva e dimensões da Hospitalidade. *Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade*, 14(2), 395-411.
<http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v14i2p411>

Gotman, A. (2009). O comércio da hospitalidade é possível? *Revista Hospitalidade*, 6(2), 3-27.

[Link](#)

James, W., & Allen, N. J. (Ed.) (1998). *Marcel Mauss: a centenary tribute*. Oxford, New York: Berghahn Books.

Jenkins, T. (1998). Derrida's reading of Mauss. In: W. James, & N. J. Allen. (Ed.), *Marcel Mauss: a centenary tribute*. Oxford, New York: Berghahn Books.

Leroi-Gourhan, A. (1983). *O gesto e a palavra – 2 Memória e Ritmos*. Lisboa: 70.

Malinowski, B. (1975). *Uma teoria científica da cultura*. Rio de Janeiro: Zahar.

Marx, K. (2017). *O Capital: crítica da economia política*. Livro I: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo.

Mauss, M. (2003). *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify.

Silber, I. (1998). Modern Philanthropy: reassessing the viability of maussian perspective. In: W. James, & N. J. Allen. (Ed.), *Marcel Mauss: a centenary tribute*. Oxford, New York: Berghahn Books.

Simmel, G. (1979). A metrópole e a vida mental. In: O. G. Velho. (org.), *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar.

Steil, C. A. (1997). A Recepção de Marcel Mauss no Brasil. *Horizontes Antropológicos*, 3(7), 144-157. [Link](#)

Testart, A. (1998). Uncertainties of 'obligation to reciprocate': a critique of Mauss. In: W. James, & N. J. Allen. (Ed.), *Marcel Mauss: a centenary tribute*. Oxford, New York: Berghahn Books.

NOTAS

ⁱ As análises e comentários apresentados no decorrer desse artigo, fazem parte das discussões desenvolvidas entre os anos de 2010 e 2020 relacionadas as aulas ministradas no contexto do Programa de Pós-Graduação em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi. Destas aulas, em especial, a disciplina Dimensões da Hospitalidade (2016-2020) foi a mais frutífera em respostas dos alunos, as questões relacionadas a pensar a Hospitalidade pela perspectiva do ciclo da Dádiva e as ideias apontadas por Marcel Mauss em seu 'Ensaio sobre a Dádiva'.

ⁱⁱ Entre as críticas mais recentes sobre o 'Ensaio sobre a Dádiva', encontrei o trabalho de Alain Testart (1998): 'Uncertainties of 'obligation to reciprocate': a critique of Mauss'; e Paul Dresch(1998): " Mutual deception: totality, Exchange, and Islam in the Middle East".

ⁱⁱⁱ Sobre a circulação das ideias de Mauss e, em especial, seu 'Ensaio sobre a Dádiva', cabe uma pequena referência a edição de sua obra em português e no Brasil. Até os anos iniciais da década de 1970, as obras de Mauss, quase não tinham sido traduzidas do francês. A circulação de seus escritos, e em especial os contidos no "Ensaio sobre a Dádiva", eram lidas em traduções não oficiais. É apenas em 1988, que a

primeira tradução em língua portuguesa aparece “dentro da coleção *Perspectivas do Homem*, publicada pelas Edições 70 de Lisboa. Ensaio sobre a dádiva é o 29º título”. (Steil, 1997, p.146). A obra coletânea de artigos de Mauss, *‘Sociologie et anthropologie’*, cujo Introdução é realizada por Lévi-Strauss, é publicada, inicialmente, na França, pela PUF em 1950, ano da morte de Mauss. No Brasil, a primeira edição em português do ‘Ensaio sobre a Dádiva’ é realizada em 1974 pela EPU, em parceria com a Editora da Universidade de São Paulo, em dois volumes que reuniram os ensaios de Marcel Mauss e foi chamada de ‘Sociologia e Antropologia’. Para esse artigo é utilizada a edição de ‘Sociologia e Antropologia’ da editora Cosac e Naify, editada em 2003, na opinião desse autor, a melhor edição em língua portuguesa até o momento.

^{iv} Para Marx: “O caráter misterioso da forma-mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres objetivos dos próprios produtos do trabalho, como propriedades sociais que são naturais a essas coisas e, por isso, reflete também a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social entre os objetos, existente à margem dos produtores” (Livro I, p. 166).

^v O “hau” é o ‘espírito da coisa dada’. No pensamento dos antigos nativos da Polinésia, os Maoris, o presente dado carrega parte da alma de seu antigo possuidor. Esse fato torna a obrigação de devolução ainda mais necessária. Mauss mostra também que tal ação era encontrada entre os antigos escandinavos, ao mostrar estrofes de um verso contido em um velho poema: “Sabes isso, se tens um amigo em quem confias/ e se queres obter um bom resultado/ convém misturar tua alma à dele/ e trocar presentes (...)” (Mauss, 2003, p. 186).

^{vi} Devemos nos recordar que desde as últimas décadas do século XIX, a literatura ficcional e tecnológica realizada, por exemplo, por Júlio Verne era um sucesso popular e de consumo. Mostrava o vigor de uma época em transformação e tornava-se um padrão de reconhecimento de civilizações e um modelo a ser seguido. A ficção literária é uma leitura da cultura do cotidiano humano e representa como outros modelos literários expressões de vontades coletivas.

^{vii} Nesse artigo penso o sujeito e sua interação com os objetos que expressam noções simbólicas, de uma vida em coletividade.

^{viii} Alan Testart (1998, p.97) chama a esse procedimento de ‘primeiro paradoxo’, pois Mauss nunca explica o que é essa Dádiva (gift). Argumenta-se aqui que realmente não há uma explicação cartesiana para o processo, pois para o ciclo da Dádiva não se pressupõe um fim e consequentemente, quando o percebemos, ele já acontecia antes de nosso tempo de observação direta. Desta forma ele não tem começo, e assim a obrigação de reciprocidade está implícita, pois se essa obrigação não existisse, não haveria o ciclo e assim, por consequência, também não haveria o contexto de identificação do ‘eu’ no ‘outro’.

^{ix} Neste aspecto convém observar esses ‘recortes’ em recentes estudos desenvolvidos, por exemplo, nos PPG de Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, como também no PPG em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul.

^x Sobre esse aspecto cabe lembrar um problema de tradução que o título do texto de Mauss teve em momentos iniciais de sua versão em língua portuguesa. Em língua francesa o texto de Mauss é conhecido como *‘Essai sur le don’*. Em alguns momentos a tradução em língua portuguesa expressou: ‘Ensaio sobre o Dom’. Há uma dualidade interpretativa nessa tradução. Em português ‘dom’ é aquilo que se recebe como ‘um milagre Divino’, não passível de devolução imediata, embora se agradeça por tê-lo recebido. Em uma sociedade cristã, isso não é questionado e é somente aceito. Ao se traduzir o título para “Ensaio sobre a Dádiva”, subentende-se como algo a ser dado e passível de ser retribuído. Essa questão foi aparente solucionada em língua inglesa com o termo ‘gift’, ou seja, um presente, aquilo que se dá e se recebe.

^{xi} Ilana Silber (1998), afirma sobre isso que, a perspectiva interpretativa de Mauss, tem sua importância diminuída no contexto das sociedades modernas, que são dominadas pelas trocas de mercado. Nota-se aqui a perspectiva fracionada na interpretação do ciclo da Dádiva. O que a autora mostra, é que o ciclo

deixou de existir, em sua forma orgânica, perante a presença de um mercado, mas o que se percebe aqui é que ele se transmuta e absorve novas realidades estruturantes.

^{xii} Em várias interpretações sobre a trilogia da Dádiva; Dar-Receber-Retribuir; temos a expressão final do ciclo com 'retribuir'. François Dosse (2018, p. 69), apresenta um outro significado, reclassificando o último termo como 'restituir'. O significado de restituir representa melhor a ideia de "obrigação", tal qual Mauss define em sua principal questão problema do 'Ensaio'.

^{xiii} A partir desse momento, passo a usar a noção de Hospitalidade e Inospitalidade, englobando todas as suas possíveis dimensões; acolhimento, comensalidade, urbanidade etc.; para justificar o fator de equilíbrio e desequilíbrio do social. Leia-se então hospitalidade como o termo amplo que se adequaria a situações propostas pelas suas respectivas dimensões.

^{xiv} Relembro novamente que não é intenção discutir particularidade interpretativas da hospitalidade, e sim entender como ela pode servir a um propósito de equilíbrio de uma relação e por seguinte, em sua ausência, a um desequilíbrio.

PROCESSO EDITORIAL

Recebido: 13 NOV 21 Aceito: 25 JAN 22